

FOLHETIM 25/26

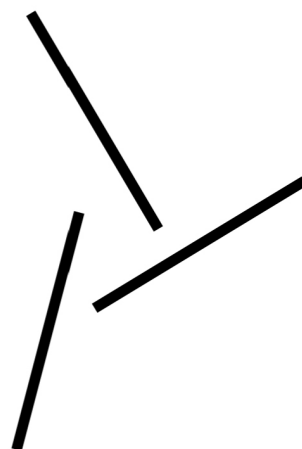
Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro

ISSN 1982-5986

A clínica da singularidade: subjetividade
e segregação

Ano XX – Número 25 – DEZEMBRO 2022

Ano XXI – Número 26 – JUNHO 2023



© 2023, Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro

FOLHETIM

Ano XIX, n. 23, dez. 2022

Ano XX, n. 24, jun. 2023

ISSN 1982-5986

Editores

Leonardo Pimentel

Vera Pollo

Editora Executiva

Bela Malvina Szajdenfisz

Comissão Executiva

Ana Paula M. Lettiere Fulco

John Luiz Baytack

Luciene Costa

Sergio Neves

Atos e Divãs Edições

Endereço: Rua Joaquim Campos

Porto, 395 – Jardim Botânico

CEP 22460-190 – RJ

Conselho Editorial

Antonio Quinet

(UVA-RJ/ EPFCL-Brasil)

Andrea Franco Milagres

(PUC-Minas Gerais / EPFCL – Brasil)

David Bernard

(Université de Rennes 2 / EPFCL – Franca)

Florencia Faria

(Universidad de Buenos Aires / EPFCL – Argentina)

Gloria Patricia Pelaez Jaramillo

(Universidad de Antioquia / EPFCL – Colombia)

Luis Achilles Rodrigues Furtado

(UFC-Campus de Sobral/ EPFCL-Brasil)

Luiz Werneck Viana

(PUC- Rio de Janeiro – Brasil)

Raul Albino Pacheco Filho

(PUC-SP /EPFCL – Brasil)

Sonia Alberti

(UERJ-RJ / EPFCL – Brasil)

Tania Cristina Rivera

(UFF-RJ/Corpo Freudiano do Rio de Janeiro – Brasil)

FOLHETIM / Fórum do Campo Lacaniano do

Rio de Janeiro. - Ano III, n. 0 (2001). - Rio de

Janeiro, FCL-RJ, 2001.

Semestral

A partir do Ano XV, n. 14 (jun. 2017), passou a ser publicada pela Atos e Divãs Edições.

Número duplo - a partir do Ano XVI/XVII, n. 17/18 (dez. 2018 / jun. 2019)

ISSN 1982-5986

1. Psicanálise – Periódicos. I Fórum do Campo

Lacaniano do Rio de Janeiro

CDD 150.195

Catálogo: Luciene Costa – Bibliotecária CRB7/6044

FÓRUM DO CAMPO LACANIANO – RIO DE JANEIRO

Federação dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil)

Internacional dos Fóruns - Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF-EPFCL)

Site: <https://www.campolacanianorj.com.br/>

E-mails: secretariaforum@campolacanianorj.com.br / bibliotecaforum@campolacanianorj.com.br

Sumário

Editorial

Vera Pollo e Leonardo Pimentel _____ 11

ARTIGOS

Os efeitos da segregação no discurso de nossa época

Maria Helena Martinho _____ 21

O discurso do senhor e do escravo: inconsciente e civilização

Nilda Sirelli _____ 33

Segregação e racismo: as diferenças entre o escravo da Antiguidade e o escravo do discurso do capitalista

Richard Harrison Oliveira Couto _____ 41

Sub-versões da ciência

Sheila Abramovitch _____ 59

A política do *ignoródio*: uma estratégia de campanha

Shelen da Silva Vale Gonçalves _____ 67

Dor: gritos de corpos segregados

Pedro Moacyr _____ 79

Apagada e perseguida pelo olhar do outro – efeitos de racismo desmentido

Gabriela Gomes Moreira _____ 91

Psicanálise, segregação e a questão indígena no Brasil

Vanusa do Rego Barra _____ 103

A busca por singularidade

Bela Malvina Szajdenfisz _____ 113

As transidentidades e a busca pelo reconhecimento	
<i>Barbara Zenicola</i>	123
O mal-estar nas disputas judiciais de família	
<i>Eduardo Ponte Brandão</i>	139
Formação do analista: a singularidade de um ato	
<i>Barbara Shuman</i>	151
Resenha	
Uma criança rebotalho: sobre <i>O olho mais azul</i> de Toni Morrison	
<i>Francina Sousa</i>	161

Há um “mito negro”, há também um “devir negro”. Enquanto o primeiro vem sendo progressivamente desconstruído; o segundo representa a tendência crescente de um movimento que caminha a passos acelerados rumo à universalização de ideias e costumes e, com ela, à entrada da morte em uma linha de produção em massa. Se os dois movimentos se interseccionam, todavia não se sobrepõem, e a leitura do presente número de *Folhetim* é rica de exemplos que nos ajudarão a entender suas aproximações e diferenças.

Na ocasião em que decidimos que o tema deste número deveria ser “A clínica da singularidade: subjetividade e segregação”, tínhamos em mente recolher alguns trabalhos que seriam apresentados no Simpósio Interamericano da IF-EPFCL, na cidade de San Juan, em Porto Rico. Assim fizemos. “Segregação e Singularidade” foi o tema do simpósio, que se realizou de 23 a 25 de junho de 2023, e serviu de ponto de partida para grande parte dos textos aqui presentes.

Dizemos com certa ênfase que a psicanálise é o tratamento do um a um, que cada caso é único, que ela é, portanto, uma clínica da singularidade. Mas é preciso que possamos desenvolver nosso princípio, porque aquilo que se aprende com a análise de um determinado caso não serve para a análise de nenhum outro caso com a mesma estrutura e nem do mesmo tipo clínico. Freud dizia que se devia tomar cada caso como uma folha em branco, e Lacan alertava quanto aos riscos nefastos de um apressado desejo de compreensão. Ele também lembrava que o pensamento do analista é uma ação que se desfaz, o que significa que a interpretação deve ser presta, e não elucubradora.

Não me parece que os significantes “singularidade” e “segregação” tenham acompanhado a doutrina psicanalítica desde os seus primórdios, mas hoje, mais do que nunca, buscamos a causa e, con-

sequeamente, o conceito. Pois o objeto *a*, causa de desejo e mais-de-gozar, é de fato o que cada sujeito tem de mais singular, a falta que o divide e determina, em contraposição à indeterminação subjetiva, o permanente devir que os significantes ocasionam. Quanto ao termo “segregação”, se o vemos ganhar força no ensino de Lacan, é no exato momento em que a história, ou melhor, os eventos históricos se tornam também cada vez mais presentes em seu ensino: seminários, conferências ou escritos. São os primórdios da década de 1970 e Lacan almeja a construção de uma teoria dos gozos. Ele acabara de formalizar seus quatro discursos ou, conforme suas próprias palavras, “sua própria teoria da cultura” (Lacan, 1975), não a de Freud. No entanto, considera-se um pouco atrasado, como de hábito. Quem não se lembra da sequência final de letras com que Lacan (1957/1998, p. 533) encerra o escrito *Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*: T.t.y.m.u.p.t.?

Durante os anos de pandemia da covid-19, ou seja, de 2019 a aproximadamente 2021 ou 2022, os psicanalistas foram convocados a participar mais ativamente da pólis e o comentário de Lacan, em 1953, de que seria melhor recuar da psicanálise todo aquele que não alcançasse em seu horizonte a subjetividade de sua época, tornou-se repentinamente um verdadeiro mantra, produtor de debates, textos, jornadas e palestras. No Brasil, malgrado o reforço que o real da irrupção de um vírus potencialmente letal ainda recebeu de uma necropolítica neofascista, os psicanalistas não recuaram. Provam-no, se necessário fosse, alguns dos textos do presente número, os quais testemunham que os psicanalistas devem dar os braços aos estudiosos da História, assim como aos cientistas sociais e alguns filósofos. Se esses estudiosos de áreas afins à Psicanálise talvez não se antecipem a nós, como fazem os artistas, eles abordam as mesmas questões e reafirmam a tese de que “o coletivo não é senão o sujeito do individual”, formulação com

que Lacan homenageia Freud, ainda que subverta parcialmente seu enunciado. A relação da psicanálise com a história, ou melhor, “o que dela se escreve”, ajuda-nos a entender o grande risco enfaticamente acentuado por Lacan: a universalização promovida pelo discurso da ciência em sua cumplicidade com o discurso do capitalismo. E pior: na união ciência, capitalismo e lógica neoliberal.

Uma indagação percorre a maior parte dos textos aqui reunidos: o que pode a psicanálise frente ao crescimento dos fenômenos de racismo? Se não há laço social sem segregação, o racismo, ou racismos, no plural, é uma de suas consequências mais cruéis, mas ele é datado, pois é justamente a escravidão que vai inaugurar a “raça” negra, conforme observa Gabriela Gomes Moreira, em *Apagada e perseguida pelo olhar do outro – efeitos de racismo desmentido*. Gabriela cita também o conceito de “racismo estrutural”, o qual se transmite de uma a outra geração e se enfronha imperceptivelmente em todas as estruturas sociais, criado por Silvio Almeida. Segundo ela, o racismo tem sido reconhecido mais como uma discursividade coletiva do que como uma falha moral individual. É nessa mesma linha que Maria Helena Martinho desenvolve um texto sobre *Os efeitos da segregação no discurso de nossa época*. Além de rastrear as três principais referências de Lacan ao tema da segregação, Maria Helena lança mão do signifiante “apalavrado”, para observar, com Soler, que, enquanto seres de linguagem, somos apalavrados aos discursos, o que significa que as estruturas de discurso, ao mesmo tempo em que permitem que nos identifiquemos uns aos outros e a determinados lugares, também promovem diversas segregações. Isso porque não nos apalavramos totalmente, somos *nãotodo* apalavrados, há sempre um resto, o objeto *a*; conseqüentemente, se o coletivo necessita do individual, a recíproca não é verdadeira. O inconsciente não é apalavrado pelo discurso, é ir-

redutível e trans-histórico. Na contramão do discurso do capitalismo, o discurso do analista desnuda as identificações e busca o singular.

É possível falar em um crescimento do racismo? Essa é, aliás, uma das perguntas feitas a Lacan na entrevista de 1973 à *Televisão* e mencionada pelas duas autoras acima citadas. Pergunta que, naquele momento, se desdobrou em: *Por que dizê-lo?* Ora, embora não tenha se estendido sobre o tema, Lacan não se furtou a responder, observando a importância de se ter alguma ideia do que se pode esperar. O texto de Maria Helena recapitula as terríveis consequências da segregação sofrida pelos indígenas Yanomami, e nos remete ao trabalho de Vanusa do Rego Barro, *Psicanálise, segregação e a questão indígena no Brasil*, em que também se pode ler que tal tragédia humanitária em nada se diferencia do que Lacan denomina de a “facticidade real” dos campos de concentração.

Vanusa nos recorda as palavras de Davi Kopenawa no programa Roda Viva, da TV Cultura, de 15 de abril de 2024. Ele chama a atenção para a dificuldade, inclusive a recusa, do “homem da mercadoria” a escutar o que não está no escrito formal, mas se transmite oralmente. Vanusa propõe estender o campo psicanalítico à questão indígena historicamente segregada, por considerar legítima a reivindicação de um lugar de historicização por parte daqueles que enunciam “Nada sobre nós sem nós!”. Deseja que possa haver uma “abertura solidária à diversidade como recurso frente à segregação” e que possamos corrigir a falta de letramento étnico-racial na formação dos analistas. Precisamos prestar atenção ao fato de que “o mapa não é o território”, não basta estar na Amazônia para ler e escutar as tessituras ameríndias.

O tema do escravagismo é abordado incisivamente em dois textos deste número. Nilda Sirelli relata que hoje assistimos estarecidos à tentativa de apagamento da divisão senhor/escravo, pela visada de apagamento da história do Brasil. Em *O discurso do senhor e do escravo*:

inconsciente e civilização, ela recorre a Walter Benjamin para lembrar que a história, ainda que vivida na violência e na barbárie, é sempre contada do ponto de vista do vencedor, ou seja, daquele que detém o poder. É o que sucede, por exemplo, com os significantes: feminismo, racismo, feminicídio, transgênero, branquitude, homofobia, forjados pela mão do escravo, imediatamente expropriado de seu próprio saber. Este se transmuta, então, em teoria, isto é, saber de amo/senhor.

O texto de Richard Couto, *Segregação e racismo: as diferenças entre o escravo da Antiguidade e o escravo do discurso capitalista*, enriquece significativamente o tema, ao cotejar Lacan com uma série relativamente longa de autores de áreas afins: Koyré, referência do próprio Lacan, mas também Foucault, Milner, Bauman, Mbembe, Pelbart e outros. Sua visada inicial, como indica o próprio título do artigo, é esclarecer as diferenças entre o escravo do discurso do mestre e o escravo negro, ou seja, o primeiro escravo do discurso do capitalismo. Nessa direção, ele menciona duas condições: a matematização eficiente e a escravização dos povos africanos. Embora muito antiga, a matematização só se torna eficiente quando a ciência é capaz de classificar, separar e contar, isto é, quando a ordem botânica se torna a organizadora do mundo em sua totalidade, inclusive do mundo patológico. Passa a existir a contagem dos escravos nas mais diversas situações. Esclarece-se que a ciência é condição do capitalismo, este que, em seu casamento com o neoliberalismo, se torna ainda mais astucioso. As formas de segregação tendem à universalização, e o Holocausto representou apenas o início da industrialização da morte em massa, pois ela se torna um produto, um objeto obtido ao final de uma linha de produção. O significante “negro” deixa de remeter apenas à condição de origem africana, mas se torna uma condição que tende à universalização (Pelbart) e a um devir, o “devir-negro do mundo” (Mbembe). Trata-se, portanto, como bem nos mostra o texto de Richard, da junção

de duas lógicas: a lógica escravagista de captura e predação e a lógica colonial de ocupação e extração.

Eduardo Brandão também se refere ao neoliberalismo em seu artigo *O mal-estar nas disputas judiciais de família*. Segundo ele, o neoliberalismo é uma engenharia social que intervém simultaneamente nos conflitos sociais e na esfera psíquica dos indivíduos, e o faz a tal ponto que temos hoje uma nova categoria social que se define como “pais em sofrimento judicial”. Pedro Moacyr e Bela Szajdenfisiz também abordam a questão da segregação causada pelo sofrimento, mediante alguns relatos clínicos. No texto intitulado *Dor: gritos de corpos segregados*, Pedro demonstra como a dor, enigma indecifrável em qualquer cultura e em qualquer tempo, se torna, ela própria, um instrumento de segregação. Pois a dor, crônica ou não, é sempre *corpsíquica*. Logo, singular.

Hoje, quando presenciamos uma verdadeira “epidemia” de diagnósticos, não é raro que o psicanalista receba um paciente que já chega trazendo na bagagem o significante “fibromialgia”, o que não significa nada além de dizer que ele sofre de muitas dores e busca lhes dar um nome. Isso porque, se os significantes veiculam dor, eles também podem deslocá-la e, eventualmente, até apaziguá-la. O/a psicanalista dirige o tratamento no sentido de circunscrever a dor. Por isso, Bela Szajdenfisiz opta por recordar as palavras de Lacan, segundo as quais tomar um caso em sua singularidade é promover a reintegração pelo sujeito de sua própria história, indo até os limites mais sensíveis, isto é, para além das individualidades. Em *A busca por singularidade*, Bela se debruça sobre o caso da dançarina de arte contemporânea, Nora Monsecour, e discorre sobre “a travessia de um menino bailarino que desde pequeno mostrava querer ser bailarina”. Este sofreu muitos olhares e situações constrangedoras, mas não recuou até encontrar uma escola que não o segregasse. Quem desejar acompanhar a história da

bailarina trans, pode assistir ao filme *Elle*, do diretor Lukas Dhont, premiado no Festival de Cannes, de 2018. E a relação entre segregação e transexualidade, ou melhor, a segregação e discriminação dos transe-xuais é também o tema do trabalho de Bárbara Zenícola, *As transiden-tidades e a busca pelo reconhecimento*. Seu texto traz fragmentos de falas de sujeitos que se apresentam como “trans” e observa que a busca de reconhecimento é, para alguns, impossibilitados de se identificarem com o nome que lhes foi conferido pelos pais, a busca de um nome próprio com o qual possam se identificar. Afinal, “o nome é o tempo do objeto” (Lacan 1953-54/2009, p. 215). E Bárbara salienta que o re-conhecimento passa sobretudo pelo que tais sujeitos denominam de a “passabilidade”, ou seja, o que cada um recebe de si via olhar do outro. Logo, a demanda e/ou desejo de passabilidade é bem mais geral do que se imagina, já que, mesmo para os sujeitos ditos cisgêneros, a identificação narcísica passa pelo apelo ao outro especular, a Gestalt do semelhante tampona a angústia, porque nela o sujeito reencontra o próprio ser.

Há também dois textos que mencionam explicitamente as conse-quências desastrosas e segregacionistas do governo Bolsonaro (2018-2022). Sheila Abramovitch, em *Sub-versões da ciência*, nos traz a in-formação de que o significante “genocídio” foi criado pelo advogado polonês Raphael Lemkin, numa referência ao massacre do povo ar-mênio durante o Império Turco-Otomano (1915-1923), e só mais tarde foi aplicado ao nazismo. Ela recupera a versão degradada de ciência, que se tentou impor aos brasileiros durante a pandemia de covid-19, de março de 2020 a março de 2022, e resultou em mais de setenta mil mortes. Analisa também a cumplicidade do projeto político nazista com discursos “científicos” promotores de programas de eutanásia e de uma falsa epidemia de autismo. Uma ciência entre aspas que serve tão somente a Tânatos e se baseia na pulsão de crueldade, mencionada por

Freud desde seus *Três ensaios*, de 1905, de onde se deduz que a crueldade não permite nenhuma identificação com o semelhante, apenas indiferença frente ao outro. Sheila conclui sobre o conceito lacaniano de gozo como aquilo que é inútil, não serve a nada e, no entanto, não cessa de retornar. Cabe, então, aos analistas, prosseguir ela com Lacan, enfrentar a verdade ou deixar ridicularizar o seu próprio saber.

O segundo texto que se refere ao governo Bolsonaro é o de Shelen Gonçalves, *A política do ignoródio: uma estratégia de campanha*. Tendo extraído da obra de Antonio Quinet o significante *ignoródio*, Shelen objetiva demonstrar que Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente ancorado no discurso que aponta para uma espécie de junção liberal-conservadora contraditória, já que o neoliberalismo é amoral e o conservadorismo, extremamente moralizante. A ideia deveras preconceituosa de “família patriarcal” parece funcionar como elo entre os dois discursos. Contudo, ela em seguida observa que o neoliberalismo e o neoconservadorismo não se fazem contraditórios, quando afirmam suas radicalidades na construção das desigualdades tomando-as como naturais à formação social e humana. Lembrando que o discurso do analista propõe não a lógica das identidades, mas, ao contrário, a das heteridades, Shelen indaga ao final se não seria possível tomar a sublimação como força motriz de criação.

Mais adiante, se tem acesso ao texto de Bárbara Schuman, que nos parece possível de interpretar como uma indagação sobre as formas de evitar a segregação num trajeto de formação analítica. Inicialmente, ela nos lembra tudo que não é uma formação analítica, qual seja: a transmissão acadêmica, um treinamento tipo *know how*, um rito iniciático etc. Em seguida, observa que discorrer sobre a formação analítica implica discorrer sobre a história da psicanálise e retoma, com Freud, os três pilares da formação: análise, supervisão e estudo teórico. Observa também que há mais textos abordando a supervisão do que os

outros pilares. Dando ao seu trabalho o título de *Formação analítica: a singularidade de um ato*, Bárbara recorre a textos de Lacan, Colette Soler e Dominique Fingerman para sustentar que o analista se autoriza na demanda de entrar em supervisão, pois nela o desejo do analista é colocado à prova. Afinal, sem desejo do analista não haveria singularidade, porque, tampouco, haveria ato. Seu trabalho se conclui, de forma bem interessante, na hipótese de que, em uma supervisão analítica, se pode chegar ao insupervisionável, o qual se encontra entre conhecimento e saber. Trabalha-se, sobretudo, com as incertezas.

Francina Souza nos traz, ao final, uma belíssima resenha sobre o belíssimo livro de Toni Morrison, *O olho mais azul*. “Um belíssimo soco no estômago” são, na verdade, suas primeiras palavras sobre ele. Palavras com as quais concordará todo aquele que tiver tido a oportunidade de ler o livro. Francina vai nos explicar por quê. Ela recorre inicialmente a Conceição Evaristo, para lembrar que a literatura pode trazer mais informações sobre um determinado tema do que um livro de história. No caso presente, são informações sobre a história do racismo vigente nos Estados Unidos e também no Brasil, que nos são trazidas pelo romance de Morrison. Isso porque Francina põe a dialogar, de forma brilhante, o livro de Toni Morrison e o da psicanalista Neusa Santos Souza, *Tornar-se negro*, por meio do qual passamos a conhecer também o que se denomina o “mito negro”. Este que é, na verdade, um mito que os brancos construíram sobre os negros, numa evidente substituição da história pela “natureza”.

Entremeando parágrafos da obra das duas autoras, Toni Morrison e Neusa Santos Souza, e, em determinados momentos, introduzindo conceitos psicanalíticos, o texto da Francina exemplifica o “império do especular, lugar da mortífera agressividade” e nos mostra de que modo “um componente identificatório ao mesmo tempo em que funda o laço social, constitui a segregação”. Como bem define a citação que

Francina extrai de Neusa, “o irracional, o feio, o ruim, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as primeiras figuras representativas” do negro, ou seja, do mito que constrói a linearidade da “natureza negra”. Ora, se a psicanalista afirma que a autoridade da estética branca define não apenas o belo, mas, também, sua contraparte, o feio, é, contudo, a personagem central de *O olho mais azul*, a pequena Pecola, quem a ilustra com clareza. Engravidaada pelo próprio pai, a menina de 11 anos, pobre, negra e muito feia, testemunha ainda de que modo a ideia do amor romântico e a ideia da beleza física conjugando-se constituem um dos ideais mais destrutivos da história do pensamento ocidental. Ideal segregador e promotor do que a psicanálise considera bizarria, as bizarrices do sintoma.

Armação dos Búzios, 3 de janeiro de 2025.

Vera Pollo
Leonardo Pimentel